

**A presença de Dehon como fundador ideal
e a formação dos discípulos fiéis nas NQT 35 a 45**
*Uma análise narratológica, histórica e teológica
das Notes Quotidiennes (1913–1925) de Léon Dehon*

Comissão Teológica Dehoniana Europeia

CTDEU

1. Introdução

1.1. Em que sentido podemos falar das NQT como um diário espiritual?

O diário espiritual, enquanto gênero literário e devocional, funciona como um mecanismo profundo para a construção da identidade religiosa e institucional, particularmente quando escrito pelo fundador de um instituto religioso. Enquanto gênero, o diário espiritual situa-se entre a confissão e a crônica. Ao contrário de um livro de memórias composto retrospectivamente, o diário registra os acontecimentos com imediatez temporal. No entanto, no caso de um fundador, tal escrita nunca é neutra. Torna-se um instrumento de formação.

As *Notes Quotidiennes* (NQT) de Léon-Gustave Dehon funcionam como um diário espiritual complexo que transcende a simples função de um diário. Neste contexto, o diário atua simultaneamente como uma “disciplina espiritual” destinada a traçar o progresso interior, a manter a responsabilidade perante os objetivos divinos e a realizar o que se pode designar por “textualização do autor”: um processo através do qual a vida vivida é convertida numa narrativa de graça, e o indivíduo histórico é gradualmente moldado numa figura exemplar para aqueles que o lerão após a sua morte. É, ao mesmo tempo, um gênero de “arquivo”, no qual Dehon preserva diversos materiais – resumos de retiros, meditações, comentários bíblicos, notas de leitura teológica, análises geopolíticas e obituários dos seus colaboradores – de modo a validar a sua experiência pessoal e institucional.

O processo de escrita não é algo secundário à vida espiritual que descreve: é ele próprio um ato constitutivo dessa vida, uma prestação de contas diária perante Deus e a comunidade que herdará o seu legado. O NQT funciona como um “Diretório Espiritual” que ensina ao leitor

que todas as funções apostólicas externas só dão fruto na medida da união com Deus – uma convicção que confere a toda a sequência o seu caráter pedagógico distintivo.

Uma característica da arquitetura literária do NQT é a alternância sistemática entre a manutenção de registros administrativos e a elevação mística: uma sequência típica pode documentar um funeral, passar para uma lista analítica de autores místicos sobre a união divina e regressar a um relatório sobre as finanças da missão. Este “estilo de justaposição por capítulos” serve para santificar o mundano, demonstrando que nenhuma dimensão da experiência fica fora da ordem providencial e fazendo com que a elevação mística pareça organicamente contínua com a vida quotidiana. NQT não se limita a documentar a graça; interpreta-a. Enquadra a doença, a guerra, as ansiedades financeiras e as tensões eclesiais como momentos dentro de uma narrativa providencial. As entradas diárias – meditações, notas de retiro, resumos de leituras teológicas, registros de viagens de trem, audiências papais e privações em tempo de guerra – criam o que pode ser chamado de “arquivo da graça”. Este estilo arquivístico confere autenticidade: o leitor depara-se não com um tratado sistematizado, mas com uma teologia vivida. Através da repetição, das referências cruzadas e da citação de autoridades espirituais, Dehon molda uma visão coerente: a união com o Coração de Cristo, a reparação pelo pecado e o Reino Social de Cristo como chave interpretativa da história moderna.

Assim, NQT funciona como um diário espiritual no sentido ascético clássico, mas também como um documento pedagógico e institucional orientado para o futuro da Congregação.

1.2. Justificação para a escolha dos volumes NQT 35-45

A seleção dos *Cahiers* 35 a 45 não é arbitrária. Estes onze cadernos documentam o período final e talvez o mais rico da vida de Dehon: abrangem os últimos quinze anos da vida de Dehon, desde o seu regresso à Europa após uma volta ao mundo (2 de março de 1911) até às últimas anotações feitas semanas antes da sua morte, em agosto de 1925, representando a sua “plena maturidade” e a síntese definitiva do seu legado espiritual e institucional.

Documentam uma série de momentos decisivos: o regresso da sua viagem pelo mundo e a audiência concedida por Pio X (abril de 1911); a comemoração do seu septuagésimo aniversário e o envio da circular *Souvenirs* como testamento espiritual (março de 1912); o início da Grande Guerra e a ocupação alemã de São Quintino (agosto de 1914); o exílio forçado para

Enghien e Bruxelas, na Bélgica (março de 1917); o quinquagésimo aniversário do seu sacerdócio em 1918; a reconstrução pós-guerra das instituições da Congregação; e, finalmente, a aprovação das Constituições por Pio XI em 1923 – um acontecimento que Dehon considerou como a conclusão da sua “grande obra de vida”.

No início do Caderno 35, Dehon estabelece um tom de consciência do fim, observando que os problemas de saúde o fazem perceber que o seu tempo é curto. Esta consciência acentua a intencionalidade pedagógica da escrita: cada entrada é, em certo sentido, uma mensagem aos discípulos que lhe sobreviverão – um modelo de como ler a história, como interpretar o sofrimento e como sustentar a vida interior em condições de adversidade institucional.

1.3. Análise da complexa relação autor-leitor no NQT 35-45

Para analisar NQT 35–45 com a precisão que merecem, é essencial estabelecer os limites teóricos articulados por Wayne C. Booth em *The Rhetoric of Fiction*. Booth distingue entre dois níveis de presença autoral:

- O **autor histórico** ou “**autor real**”, o narrador (o “eu” do texto): O *Léon Dehon histórico* foi um homem do final do século XIX e início do século XX: um clérigo que viveu a epidemia de gripe de 1918, os transtornos físicos das viagens de trem pela Europa em tempo de guerra e as inevitáveis enfermidades da velhice. O *narrador* do NQT é o “eu” que registra meticulosamente itinerários – Bruxelas, Etterbeek, Arlon, Roma – a par de ansiedades financeiras e relatórios de progresso missionário.

- O “**autor implícito**”, um “segundo eu” literário ou “versão ideal e criada” do escritor, que não coincide totalmente com o Dehon histórico, mas é o resultado de uma série de escolhas narrativas, teológicas e espirituais. Este autor implícito: seleciona, ordena e interpreta os fatos; decide que tom adotar (místico, administrativo, político, penitencial); constrói uma imagem de si mesmo como fundador, vítima, pai espiritual e testemunha da história; e orienta o leitor para uma leitura sacramental da realidade. Assim, o autor *implícito* é a inteligência organizadora inferida pelo leitor que decide que um trem atrasado em Basileia não é meramente um inconveniente, mas um momento significativo num “êxodo” espiritual, e que o fardo administrativo da angariação de fundos constitui um “sacrifício diário pelo reino do Sagrado Coração”. Nos termos da narratologia posterior, este autor implícito funciona como uma “hipóstase da estrutura da obra” – um centro conceitual e estilístico que dá coerência a uma massa de material aparentemente heterogêneo e atua como a “consciência da obra”. Este autor

implícito não é idêntico ao Dehon histórico que administrava contas bancárias ou viajava de trem, mas é antes uma “versão superior” do eu que interpreta cada ato mundano através de um filtro providencial. Ao escolher o gênero do diário, Dehon cria um texto que transmite “urgência diarística” e aparente espontaneidade, sugerindo que ao leitor é concedido acesso aos movimentos espirituais mais íntimos do autor, sem a moldagem retrospectiva de um livro de memórias formal. Esta sensação de autenticidade não filtrada é, evidentemente, uma construção literária: o autor implícito faz escolhas deliberadas sobre o que registrar, como enquadrá-lo e que peso atribuir-lhe. A construção é eficaz precisamente porque não se declara. Ele apresenta-se como estando perpetuamente num estado de “busca e espera” – uma disposição de receptividade ativa para com a ação de Deus que transforma até mesmo a frustração administrativa numa forma de disciplina espiritual. A sua estratégia de “subjetividade sistêmica” garante que nenhuma entrada no NQT seja meramente factual: cada observação é simultaneamente uma interpretação espiritual.

Paralelamente ao autor implícito, o texto cria um **“leitor simulado”** [*mock reader*] – um conceito definido por Walker Gibson e desenvolvido por Jane P. Tompkins como a quase-persona cuja máscara o leitor real deve assumir para poder incorporar plenamente os valores e as visões do mundo codificados no texto. Trata-se de um leitor modelo que deve adotar uma máscara espiritual e aceitar o pacto espiritual proposto pelo autor implícito para entrar no mundo do diário. Em NQT 35–45, este leitor ideal: partilha a visão providencialista do autor; aceita a interpretação do secularismo como agressão espiritual; reconhece a legitimidade divina da Obra do SCJ; e permite-se ser formado na espiritualidade da reparação. Por outras palavras, este leitor fictício é uma “alma piedosa”, um membro da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração (SCJ), de quem se espera que partilhe os códigos linguísticos, axiológicos e espirituais do autor implícito: interpretando a Primeira Guerra Mundial como retribuição divina pelo secularismo europeu, reconhecendo os “fundamentos divinos” da Obra do SCJ e aspirando a uma vida de união mística com o Coração de Cristo. Neste sentido, a relação entre o autor implícito e o leitor simulado não é, portanto, meramente comunicativa, mas formativa: Dehon não escreve para informar, mas para construir um certo tipo de discípulo. Assim, os NQT 35–45 não são meramente um diário: são uma conversa espiritual entre um fundador que sabe que se aproxima do fim da sua vida e um leitor que deve continuar a sua missão.

Por fim, poder-se-ia estipular a presença de um segundo nível de leitura: o do **“leitor de hoje”**. Este leitor pode ou não ser contemporâneo de Padre Dehon, como é o nosso caso, uma vez que o lemos um século mais tarde.

A relação entre estes três níveis (“real”, “implícito” e “leitor de hoje”) nestes cadernos é extraordinariamente sofisticada. Nos pontos seguintes e nesta ordem, iremos nos dedicar a descrever brevemente o “implícito”, o “leitor simulado” e o significado para o “leitor real” dos nossos dias que encontramos em NQT 35-45.

2. A presença autoral implícita em NQT 35-45

A presença autoral implícita de NQT 35–45 organiza-se em torno de vários conceitos-chave cuja interação define o mundo espiritual dos cadernos: união com Deus, vitimização, preocupação e ação social, fundação, história da salvação, envelhecimento, amigos, ... Passaremos agora a descrevê-los brevemente.

2.1. Os múltiplos aspetos de uma vida de união e vítima

No que diz respeito ao primeiro, o autor implícito argumenta consistentemente que a união com Deus através da oração passiva e receptiva não é um carisma extraordinário reservado à elite espiritual, mas o “coroamento normal da oração e da perfeição” acessível a todos os cristãos empenhados. No Caderno 35, o autor coloca a pergunta retórica: *“Como poderia eu não desejar com o mais ardente desejo esta união com Deus?”* – e esta pergunta é dirigida tanto ao leitor imaginário como a si próprio. Ele afirma que a união mística está ao alcance de todos os que perseveram na oração e se abandonam à Providência, e justifica até mesmo a sua apreciação pela arte e pela beleza, argumentando que sempre que algo “fala à alma e desperta a fé”, constitui um caminho legítimo para o divino. O autor implícito entrelaça seu declínio físico nesta narrativa espiritual com um propósito deliberado, apresentando as suas falhas de saúde não como evidência de fraqueza, mas como “avisos benevolentes da Providência” e como o cumprimento do seu voto de 1878 de ser uma alma vítima. As suas doenças – vomitar sangue, suportar o que descreve como um frio “siberiano” – são apresentadas não como obstáculos à vida espiritual, mas como a sua confirmação corporal: uma continuação literal da missão reparadora que tinha empreendido quatro décadas antes.

No que diz respeito à condição de vítima, a apresentação do autor implícito sofre uma evolução teológica significativa ao longo dos quinze anos dos NQT 35–45. Nos cadernos anteriores, a condição de vítima é concebida principalmente em termos de justiça e satisfação expiatória: a vítima oferece o seu sofrimento para compensar a dívida que um mundo pecador

tem para com a justiça divina. Isto é visível nas entradas do tempo de guerra, onde Dehon interpreta a ocupação e a devastação de São Quintino em termos providencialistas: em outubro de 1915, após treze meses de ocupação, escreve que a guerra continua “implacável” porque “l’expiation n’est pas encore suffisante”¹, e que, para que haja paz, serão necessárias “beaucoup de victimes, beaucoup de sang”². Esta linguagem de justiça divina e “vingança” expiatória pertence a uma espiritualidade das vítimas amplamente praticada no meio cultural de Dehon.

À medida que os cadernos avançam, no entanto, e especialmente sob a influência de Santa Teresa do Menino Jesus – que se ofereceu não à justiça divina, mas ao “amor misericordioso” de Deus –, a ênfase desloca-se decisivamente para o amor. Dehon observa explicitamente que Teresa “não se oferece como vítima da justiça”, mas “como vítima ou holocausto ao amor misericordioso de Jesus”³, e identifica este espírito com a fórmula SCJ “Vida de amor e de imolação”. Esta evolução transforma a imagem sombria do sacrifício numa imagem luminosa de entrega total, e reinterpreta o próprio sofrimento do leitor simulado não como um castigo suportado, mas como amor expresso.

Uma influência paralela vem de Elisabete da Trindade (1880–1906), cujo sentido de missão ele admirava profundamente: para ela, a vocação da carmelita era ser “mediadora junto de Jesus Cristo, ser para Ele como uma humanidade suplementar na qual Ele pudesse perpetuar a sua vida de reparação, de sacrifício, de louvor e de adoração”.⁴ A leitura destas duas carmelitas, a par das obras de Charles Sauvé sobre o “Deus íntimo”, fornece o quadro para o que Dehon mais tarde denomina o “céu interior” – um estado de união interior habitual que subsiste por baixo de toda a atividade exterior.

2.2. A síntese da vida interior e da ação social

Uma das realizações retóricas mais notáveis do NQT 35–45 é a integração perfeita entre profundidade mística e empenho social. O autor implícito apresenta-se como um *homo politicus* que concebe a Igreja como ativamente envolvida na reordenação da sociedade, mantendo ao mesmo tempo um centro espiritual rigoroso. Ele passa, sem aparente descontinuidade, da crítica ao sufrágio universal ou da análise do “anticlericalismo maçônico”

¹ NQT 39/1915, 1–2.

² Cf. NQT 40/1917, 93; 42/1918, 91. 101–104.

³ NQT 45/1925, 54–55.

⁴ NQT 36/1915, 46.

para a apresentação de extensas meditações bíblicas sobre o Eclesiástico ou para a síntese de tratados místicos sobre a união divina. Tem uma visão precisa e apaixonada da situação da França: critica os sucessivos governos desde 1880 pela sua legislação anticlerical, identifica os “falsos amigos” do povo – socialistas e laicistas – e apresenta o Sagrado Coração como o único “verdadeiro amigo”. Esta fluidez não é confusão intelectual, mas uma demonstração deliberada de que, para Dehon, o apostolado social não é uma alternativa à vida interior, mas a sua expressão exterior.

O compromisso social de Dehon não foi um episódio passageiro. Como ele próprio reconheceu numa carta de Victor Berne, de Lyon, a sua “ardente campanha social” durou “pelo menos dez anos, de 1893 a 1903”⁵ – e este período internacional representou apenas a coroa de um compromisso local mais longo. Numa notável visão retrospectiva redigida em 1916, Dehon traçou a sua missão social na íntegra:

“Reviso na minha memória toda a minha participação na ação social cristã. Foi uma vocação, uma missão providencial. [...] Em 1872, fundei o Patronato, ao qual acrescentei sucessivamente o Círculo, a associação dos patrões cristãos e um grupo de estudos sociais. Organizei belos congressos: em Notre-Dame-de-Liesse em 1875; em São Quintino em 1876; em Soissons em 1878. [...] Em 1897–1898–1899, conferências em Roma [...]. Em todo este apostolado, eu via apenas a reabilitação dos pequenos e dos humildes, segundo o espírito do Evangelho”⁶.

Esta visão da ação social como “relèvement des petits et des humbles” constitui o que Dehon chamou de uma das “graças do meu sacerdócio”. Ele considerou o período desde 1888 como a “période apostolique” para a Congregação⁷ – uma afirmação ousada que reconhecia uma evolução genuína de um modelo quase conventual para um envolvimento externo ativo.

O próprio conceito de “Reparação” sofre um desenvolvimento significativo, evoluindo de uma categoria essencialmente expiatória para o que pode ser descrito como uma “ética da reconstrução”: no contexto do pós-guerra, a reparação significa não só a expiação perante Deus, mas também a restauração ativa do tecido social danificado pela guerra, pelo laicismo e pela dissolução dos laços comunitários tradicionais.

Dehon reitera o seu “Manual Social Cristão” e o seu “Catecismo Social” – apresentando estas obras não como panfletos políticos, mas como “manuais de amor” concebidos para elevar as massas e estabelecer um “reino de justiça e caridade”. A sua

⁵ NQT 44/1924, 111.

⁶ NQT 39/1916, 109–114.

⁷ NQT 44/1922, 69.

nomeação como Consultor do Índice é apresentada como um “certificado de correção doutrinária” que deve tranquilizar o leitor hipotético quanto à sua fiabilidade teológica nestas matérias.

O “Reino Social do Sagrado Coração” não é um programa político teocrático, mas o transbordamento natural de uma comunidade cuja vida interior se organiza em torno da união com um Coração que ama o mundo⁸. Ao enquadrar a resistência política ao laicismo como uma forma de fidelidade espiritual, Dehon capacita o leitor a ver-se como parte de uma batalha cósmica pela restauração da ordem social, transformando as ansiedades sociais num claro mandato religioso.

As estratégias através das quais o autor implícito persegue esta integração da vida interior e da ação social são numerosas e cuidadosamente estruturadas. No NQT 36, critica os “insolentes” maçons que afirmam respeitar a consciência enquanto fecham escolas cristãs – um apelo direto à experiência de perseguição do leitor fictício que cria uma poderosa dinâmica de “nós contra eles”. No mesmo período, convida o leitor fictício a participar na *Amende Honorable* pela França: um ato litúrgico formal de arrependimento nacional pelo fato de o Estado ter “ferido indignamente” Cristo através das suas leis ímpias. Esta estratégia é particularmente eficaz porque faz passar o leitor fictício do sofrimento passivo para a ação ativa. O apelo aos “dez homens justos”, cuja oração pode afastar a ira divina, sugere que mesmo a fidelidade de um único indivíduo tem um significado nacional e, em última análise, cósmico. Ao ligar este ato à figura de Joana d’Arc e à tradição de uma França cristã, o autor implícito oferece ao leitor fictício uma identidade autenticamente patriótica que não requer o apoio ao secularismo da República. A distinção entre a “França oficial” e a “França real” que reza e se sacrifica é talvez o recurso narrativo mais politicamente astuto no NQT 35–45.

2.3. A busca pela legitimação divina da sua própria fundação

À medida que Dehon se aproxima dos 80 anos, os cadernos assumem cada vez mais o caráter de uma apologia institucional – um esforço sistemático para estabelecer a “origem divina” da Obra SCJ para além de qualquer dúvida razoável. Ele consegue isso através de uma

⁸ No entanto, o conceito do “Reino Social do Sagrado Coração” evoluiu. Inicialmente, este conceito tinha uma dimensão teocrática, porque naquela época o modelo (ideal) dehoniano de sociedade não era pluralista, mas guiado exclusivamente por princípios cristãos.

estratégia de reformulação retrospectiva: as provações institucionais do passado são apresentadas não como evidência de fracasso, mas como etapas necessárias num desígnio providencial. A supressão da congregação em 1883 pela autoridade diocesana é reformulada como uma “crucificação” – o “*Consummatum est*” que precede e garante uma “ressurreição”. O sofrimento da congregação é interpretado como um selo divino de autenticidade, em vez de um julgamento divino de inutilidade.

Em outubro de 1924, ao refletir sobre o aniversário da morte do P. Modeste – “um dos nossos principais conselheiros e colaboradores dos primórdios”⁹ –, Dehon apresentou uma das suas descrições mais completas do que chamou de “fundamentos divinos da Obra”¹⁰, organizada em sete séries. A primeira, que “por si só bastaria”, é a sequência de aprovações eclesiais: pelo Bispo de Soissons em 1877; pela Santa Sé como congregação diocesana em 1884; pelo *decretum laudis* de 25 de fevereiro de 1888; pela aprovação definitiva do Instituto em 1906; pela aprovação das Constituições em 1923; e pela bula papal do mesmo ano elogiando o zelo de Dehon “seja incitando o povo a professar a fé, seja exercendo a caridade, seja, finalmente, fatigando-se na pregação e no cuidado de escrever livros”. Dehon anota com profunda emoção: “*C’est bien l’œuvre de Dieu qui a été ainsi louée, encouragée et approuvée par son Église*”.¹¹

A segunda série, tal como Dehon a relata, é “a resposta que a Providência deu” ao seu voto de vítima feito em 28 de junho de 1878: a perda da saúde; o sacrifício da Irmã *Marie de Jésus* para salvar a sua vida; a perda de uma herança de 800.000 francos devido a um processo judicial injusto; o incêndio no Colégio São João em 1881; angústia da alma; e a perda de prestígio em São Quintino em 1882–1883. “O Padre Rasset comparava o meu estado ao de Jó”, observa ele discretamente.¹² Outras séries incluem a ação mística através das “vues d’oraison” da Irmã *Ignace* (1878–1882); os encorajamentos de almas ilustres, tais como Dom Bosco, o Padre *Modeste* e a Madre *Véronique*; e a fundação de duas congregações de Irmãs que partilham a mesma espiritualidade, confirmando assim o carisma a partir do exterior.

A tabela seguinte sintetiza os principais sinais da graça divina e o enquadramento narrativo através do qual o autor implícito os apresenta:

Sinal-chave do favor divino	Estrutura narrativa em NQT	Intenção do autor
-----------------------------	----------------------------	-------------------

⁹ NQT 44/1924, 131.

¹⁰ NQT 44/1924, 131–138.

¹¹ NQT 44/1924, 132–134.

¹² Ibid., 134–136.

A supressão de 1883	“Consummatum est” – uma crucificação necessária	Legitimar os julgamentos como prefiguração da ressurreição
Favores Místicos (1878)	Sinais transmitidos através da Irmã <i>Ignace</i>	Afirmando que a origem da Obra é divina, não meramente humana
Sacrifício da Irmã <i>Marie de Jésus</i>	Uma “alma vítima” que confirma o carisma da congregação	Fornecendo validação sobrenatural para a vocação SCJ

Sinal-chave da graça divina	Enquadramento narrativo em NQT	Intenção do autor
Aprovações papais	Decretos de 1888, 1906 e 1923 como marcos narrativos	Estabelecimento de um testemunho autêntico da vontade divina na história
Resumo da vocação	Vocação especial: amor e reparação	Fornecer uma fórmula concisa e transmissível para os sucessores

A aprovação definitiva das Constituições por Pio XI, em 1923, representa o “clímax narrativo” deste projeto apologético: o momento em que a identidade da congregação passa definitivamente da autoridade carismática pessoal do fundador para a autoridade jurídico-institucional de um texto aprovado. A “defesa jurídico-espiritual” fica assim completa, e o autor pode preparar a sua partida em paz, tendo assegurado a Obra contra as contingências da sua própria mortalidade.

2.4. Ler a história como a “história da salvação”: interpretação teológica dos acontecimentos

O autor implícito de NQT 35–45 não se envolve com a história como um observador neutro, mas como uma “testemunha espiritual” cujo princípio interpretativo fundamental é a teologia da Providência. A Grande Guerra não é analisada como um acidente geopolítico ou o produto de falhas diplomáticas sistêmicas, mas como um “castigo para a Europa” e uma “dívida para com a justiça divina” – especificamente, a justiça devida pelas cidades e nações que tinham “exaltado Voltaire e Renan” e excluído Deus da vida pública. Ele constrói a guerra não apenas como um castigo divino, mas, paradoxalmente, como um espaço de presença divina – uma “ideia de inferno” que é também um “Calvário da vida real”, no qual o sangue dos caídos “floresceria numa rica colheita” de renovação espiritual.

A progressão das entradas do tempo de guerra revela o arco desta hermenêutica providencialista com particular clareza:

“Cette année s’ouvre dans des conditions bien dramatiques”. Janeiro de 1915¹³

“Há seis meses que a cidade está ocupada [...]. Não há correspondência nem notícias do exterior. Os alimentos tornam-se escassos, falta carne e o pão cinzento é racionado. Paciência! Que as nossas privações apressem o dia da misericórdia”. Março de 1915¹⁴

“Já são treze meses de ocupação. [...] A guerra reacende-se, mais terrível e implacável. A expiação ainda não é suficiente”. Outubro de 1915¹⁵

A 12 de março de 1917, a evacuação da cidade tornou-se obrigatória. “É o exílio”, escreveu Dehon, “após vários dias de penosa preparação”.¹⁶ Carregando seu malote, como todos os outros, partiu para o ponto de concentração em Enghien, na Bélgica, chegando exausto e com sofrimentos. Foi a partir de Enghien que pôde posteriormente deslocar-se para Bruxelas e retomar gradualmente o contato com os seus religiosos.

Esta hermenêutica providencialista estende-se à geografia da vida pessoal de Dehon. A sua mudança para Enghien é narrada como um “exílio”; a sua partida de Bruxelas torna-se um “êxodo”; as ruínas de São Quintino são interpretadas como uma “lição” inscrita por Deus na paisagem da história. Desta forma, a própria viagem é elevada à história sagrada, e o leitor simulado é chamado a ver o “dedo de Deus” mesmo na destruição daquilo a que o autor implícito chama o “berço” da Congregação. A estratégia é altamente eficaz: ela leva o leitor de um estado de sofrimento passivo diante de forças históricas além de seu controle para um estado de atuação interpretativa ativa – a atuação da testemunha espiritual que lê a história como um roteiro salvífico.

Esta interpretação teológica dos acontecimentos também serve a situação eclesial específica do leitor fictício. Durante décadas, os católicos franceses tinham sido alvo da acusação de que a sua lealdade a Roma comprometia a sua lealdade à França. A guerra ofereceu uma oportunidade providencial para refutar esta acusação: os padres serviram como capelães na frente de batalha; os irmãos religiosos serviram nas trincheiras; as casas religiosas foram transformadas hospitais. A coragem do clero em tempo de guerra constituiu, para Dehon, a justificação definitiva da “verdadeira França” contra as calúnias dos laicistas – e o leitor fictício,

¹³ NQT 36/1915, 1.

¹⁴ NQT 37/1915, 1.

¹⁵ NQT 39/1915, 1.

¹⁶ NQT 45/1917, 106.

ao identificar-se com esta narrativa, descobriu que a sua fidelidade eclesial não era uma forma de particularismo anti-francês, mas a expressão do mais autêntico patriotismo.

2.5. Evolução pessoal: o processo de envelhecimento e a idealização do passado

Ao longo dos onze cadernos de NQT 35–45, Dehon passa por uma evolução pessoal rastreável que reflete tanto o processo natural de envelhecimento como o programa espiritual deliberado de um homem que se prepara para a morte. Em termos simplificados, os diários revelam uma mudança progressiva na focalização: nos cadernos iniciais (35–38), o autor implícito adota uma postura de “focalização zero” – uma testemunha aparentemente onisciente que observa a guerra a partir de uma posição de observação externa, catalogando eventos, interpretando o seu significado e fornecendo ao leitor simulado um relato abrangente de um mundo em crise. Nos cadernos posteriores (43–45), esta perspetiva externa deu lugar a uma “focalização interna”, na qual a atenção do autor implícito se dirige principalmente para as suas próprias impressões místicas, as suas relações com “amigos celestiais” e a preparação da sua alma para a passagem final.

Ao longo desta evolução, o autor implícito interpreta o seu passado através de uma lente de idealização espiritual, reconhecendo as bênçãos de Deus em cada capítulo da sua vida, ao mesmo tempo que assume – com sincera convicção teológica, e não por mera convenção retórica – a identidade do “pior dos pecadores” necessitado de misericórdia. Esta combinação de gratidão e humildade não é contraditória: reflete o ensinamento espiritual clássico, absorvido especialmente de São Francisco de Sales e da Escola Francesa, de que quanto mais profunda for a união com Deus, mais intensamente se percebe a distância entre a criatura e o Criador. Ele registra a sua “expição” física – vomitar sangue, suportar o frio semelhante ao da Sibéria – como uma continuação literal da sua missão reparadora, não como prova de saúde negligenciada, mas como a inscrição corporal da sua vocação espiritual.

A tabela seguinte resume as principais datas, locais e atitudes de Dehon, para compreender a sua velhice:

Caderno	Anos-chave	Foco geográfico	Postura autoral dominante
NQT 35–36	1913–1915	São Quintino / Roma	Estadista veterano entrando na consciência terminal
NQT 37–39	1915–1916	São Quintino (Ocupação)	Testemunho espiritual que interpreta o castigo nacional

NQT 40–41	1916–1917	Enghien / Bruxelas (Exílio)	Árbitro teológico construindo um santuário interior
NQT 42–43	1918–1920	Paray-le-Monial / Roma	Reconstrutor institucional e consolidador doutrinário
NQT 44–45	1921–1925	Roma / Bruxelas	Participante místico preparando a partida escatológica

2.6. Relações externas: amigos e a hierarquia eclesiástica

Dehon tece uma personalidade relacional complexa e cuidadosamente modulada ao longo do NQT 35–45. As suas audiências documentadas com os Papas Bento XV e Pio XI são narradas não como triunfos pessoais, mas como “sacrifícios administrativos” – atos de serviço institucional cansativos, mas necessários, realizados para o bem da Obra. A sua relação com Bento XV (Giacomo Della Chiesa) é particularmente significativa: o autor implícito invoca a sua “velha amizade” e o encorajamento pessoal do Papa, estabelecendo a sua elevada posição na hierarquia eclesiástica e contrariando a narrativa de “pária” que a França anticlerical tinha construído em torno das ordens religiosas. Quando relata que o Papa “apreciou” o seu projeto para um altar do Sagrado Coração na Basílica de São Pedro, este pormenor indica ao leitor que o carisma da congregação conta com o mais alto apoio institucional possível e não é uma obsessão marginal, mas uma preocupação central da Igreja universal. Ele também estimava Roma como a sua “seconde patrie”, tendo-a visitado quase todos os anos durante cinquenta e cinco anos: “J’aime Rome”, repetia ele, “qui est ma seconde patrie”.¹⁷

Ao mesmo tempo, Dehon constrói uma rede elaborada daquilo a que chama “amigos celestiais” – santos e colaboradores falecidos que apresenta como a comunidade invisível de solidariedade que sustenta a Obra para além da morte. Entre os colaboradores terrenos, enumera figuras como Harmel, Toniolo e o Marquês de La Tour du Pin; entre os celestiais, Dom Bosco, *Louise Lateau* e Pio X. Em NQT 43, ele enumera explicitamente os seus “grandes amigos” e os seus “santos”, criando uma comunidade dupla – de vivos e falecidos – que apresenta o carisma SCJ como inserido numa rede providencial muito maior do que qualquer estrutura institucional isolada.

Esta estratégia desempenha uma função retórica profunda: assegura que a congregação não está isolada nas suas provações, mas sustentada por uma nuvem de testemunhas cuja

¹⁷ NQT 42/1918, 38.

intercessão é eficaz. Ao apresentar-se como um “Estrategista Global” que administra missões na Finlândia, em Java e nos Camarões, ao mesmo tempo que recebe as orações dos santos, o autor implícito constrói uma persona que é simultaneamente humilde – dependente da assistência sobrenatural – e com autoridade – parte da tradição espiritual mais distinta da Igreja. A Congregação é assim apresentada como habitando tanto o tempo histórico como o tempo escatológico: uma dupla cidadania que é a fonte última da sua resiliência espiritual.

3. A construção do “leitor fictício” como discípulo fiel

3.1. Leitor-mediador: Dehon como leitor e os resultados da sua leitura

Um dos papéis mais significativos que o autor implícito desempenha em relação ao leitor imaginário é o de “leitor-mediador”: uma figura que lê a tradição espiritual em nome do leitor, a destila no que apresenta como “alimento revigorante” e, assim, forma o leitor como praticante da lectio divina sem exigir que este realize todo o trabalho intelectual de forma independente. Durante os anos de isolamento em tempo de guerra em São Quintino (1914–1917), quando a atividade apostólica normal era impossível, Dehon encheu os seus cadernos com resumos detalhados de autores espirituais – *Jésus intime*, de Charles Sauvé, *De l’habitation du Saint-Esprit*, de Barthélemy Froget, a biografia espiritual da Irmã Marie de la Providence – e organizou esses resumos em “resumos categóricos” concebidos para servir como um *Directoire* prático para a vida apostólica ativa.

A função pedagógica da mediação de Dehon não é meramente informativa, mas formativa. Os “resumos categóricos” que ele elabora não são meros compêndios de conteúdo teológico, mas convites cuidadosamente estruturados a um modo específico de leitura – um modo em que cada texto é abordado como uma potencial revelação da ação de Deus na alma e na história. Ao demonstrar este modo de leitura na prática ao longo de centenas de entradas diárias, o autor implícito treina o leitor imaginário numa hermenêutica da fé que é simultaneamente intelectual e afetiva, rigorosa e orante. A formação do “discípulo fiel” começa, neste sentido, não com um conteúdo doutrinário específico, mas com uma forma de ler – uma disposição de receptividade atenta perante o texto e, através do texto, perante Deus.

O conjunto de autoridades através do qual o autor implícito atua é extenso e cuidadosamente selecionado. Para sustentar as suas visões sobre a união mística como o

coroamento normal da vida cristã, ele cita um prestigiado leque de místicos clássicos: São Boaventura, São Bernardo, Ricardo e Hugo de São Vítor e São João da Cruz. No domínio da Escola Francesa de Espiritualidade, as figuras do Cardeal de Bérulle, Jean-Jacques Olier e Louis Lallemant são decisivas. Para a vida prática de oração, o Padre Caussade e Lorenzo Scupoli fornecem o vocabulário do abandono e da paz da alma. A tabela seguinte resume as principais autoridades espirituais e as suas contribuições para a formação do leitor hipotético:

Autoridade Espiritual	Tema Central Enfatizado	Função para o leitor fictício
Charles Sauvé	Deus íntimo; Ação da Graça; São José	Validação teológica do “céu interior” como realidade
Louis Lallemant	Docilidade ao Espírito Santo	Estrutura para os SCJ como homens de profunda vida interior
Padre Caussade	Abandono à Divina Providência	Conciliar o trabalho apostólico ativo com a união interior
Lorenzo Scupoli	Paz da alma e combate espiritual	Remédio para as ansiedades interiores e a aridez espiritual do pós-guerra
Bossuet	Oração simplificada – “olhar simples”	Democratização da união mística em toda a congregação
São João da Cruz	Noite Escura e purificação	Enquadramento interpretativo para falhas institucionais e provações

Ao alinhar-se com a grande tradição da Igreja, o autor implícito convence o leitor simulado de que o carisma SCJ não é uma novidade, mas uma síntese fiel de verdades espirituais estabelecidas. Em NQT 40, a análise do “Alfabeto Primitivo” e a crítica ao “panteísmo de Soldi” demonstram ainda mais um autor implícito capaz de se envolver com o mundo secular no seu próprio terreno – história, linguística, filosofia – e chegar a uma conclusão católica. Esta versatilidade intelectual responde à preocupação do leitor fictício sobre o “força avassaladora e inexorável do positivismo”, demonstrando que a fé não tem nada a temer da investigação crítica.

Uma verdadeira novidade foi a obra do dominicano Barthélemy Froget, *De l’habitation du Saint-Esprit dans les âmes justes*, que Dehon leu e releu com paixão. Ele amava e adorava esta presença divina e, no seu diário, dedicou trinta páginas a uma síntese da obra

(páginas 63 a 93 do manuscrito). Conclui: “*Quelle consolation et quelle joie m’inspirerait cette pensée habituelle!*”¹⁸

O autor que mais frequentemente aparece nos cadernos de 1915-1917 é o sulpiciano Charles Sauvé, cuja série de obras – *Élévations sur les mystères de Jésus, Les mystères de la Passion, Dieu intime, Jésus intime, Marie intime, Le Sacré-Cœur intime* – Dehon resumiu em pelo menos três cadernos. O princípio orientador de Sauvé, “*Tout méditer, tout voir en Jésus*”, estava em perfeita sintonia com a inclinação mais profunda do próprio Dehon: “*chercher surtout le dedans de l’évangile, le dedans le plus intime, qui est l’amour*” [procurar, acima de tudo, o âmago do Evangelho, o seu âmago mais íntimo, que é o amor].¹⁹ A influência de Charles Sauvé, à qual Dehon volta repetidamente na fórmula “*Je relis Sauvé*”, é decisiva para o vocabulário espiritual do autor implícito na sua velhice. As obras de Sauvé sobre a “Ação Divina” e o “Deus íntimo” fornecem o quadro teórico para o foco de Dehon no que ele chama de “céu interior” – um estado de união interior habitual com Deus que subsiste por baixo e sustenta toda a atividade externa. Este conceito, desenvolvido progressivamente ao longo dos últimos cadernos, representa o culminar da jornada espiritual do autor implícito e o dom supremo que ele oferece ao leitor imaginário: a certeza de que tal estado não é meramente uma graça mística excepcional, mas o destino normal de uma vida de oração fiel.

3.2. Poder narrativo: da tragédia à redenção

Dehon utiliza uma variedade de estratégias narrativas sofisticadas para transformar reveses históricos em histórias redentoras. A mais fundamental delas é o que se poderia chamar de “realismo jornalístico ao serviço da interpretação espiritual”: ao documentar meticulosamente o “pão cinzento” e o racionamento da ocupação em tempo de guerra, a par de orações e meditações, Dehon estabelece um laço de solidariedade experiencial com o leitor imaginário, demonstrando simultaneamente que as condições materiais mais abjetas podem ser vividas com dignidade espiritual. O autor implícito não minimiza o sofrimento, mas recusa-se a permitir que este tenha a última palavra interpretativa.

O autor implícito também emprega o poder narrativo das suas relações papais com particular eficácia. Quando relata como Bento XV encorajou pessoalmente o seu projeto para o

¹⁸ NQT 36/1915, 93.

¹⁹ Charles Sauvé, *Marie intime*, edição de 1930, p. 324.

Sagrado Coração e como Pio XI aprovou as Constituições, ele enquadra as ruínas das suas casas institucionais como uma “lição” – uma pedagogia inscrita pela Providência na paisagem material – e promove a confiança de que a restauração institucional e social é inevitável através do “Reino Social” do Sagrado Coração. Ele enquadra o arco narrativo da história da congregação como uma demonstração irrefutável de que “o dedo de Deus” escreve reto por linhas tortas: cada aparente fracasso revelou-se, em retrospectiva, como preparação para uma maior fecundidade. Igualmente revelador é o apego de Dehon aos locais de origem da Obra. Nos seus últimos anos, refletiu com intensidade crescente sobre o “*berceau de l’Œuvre*” – a casa do Sagrado Coração em São Quintino, de onde a congregação tinha sido expulsa por duas vezes (1903–1905, e depois definitivamente). Em 1921, escreveu:

*“Penso muito nos primórdios da Obra. [...] A Providência tem as suas preferências geográficas. A Santíssima Virgem escolheu La Salette e Lourdes. O Sagrado Coração preferiu Paray-le-Monial, Montmartre, São Quintino... Foi a Providência que conduziu a querida Madre Fundadora a São Quintino com a Irmã Ignace, e eu também acabei chegando lá, sem querer. Estávamos destinados a encontrar-nos ali”.*²⁰

E quando a cidade de São Quintino conseguiu a expropriação da casa do Sagrado Coração, Dehon lamentou: “É o berço da Congregação. Trabalhámos muito e sofremos muito ali. [...] É uma dor de coração, fiat! Todo o Instituto se apega às suas origens, ao seu berço”.²¹

3.3. Significado do sofrimento: os reveses como favor divino

Dehon ensina o leitor simulado a encarar o sofrimento através de uma lente “sacramental” – a interpretar cada revés como uma potencial manifestação da graça divina, em vez de uma evidência direta da ausência ou do descontentamento divinos. Ele apresenta o “Fiat” como a resposta definitiva aos reveses, transformando o “fardo da angariação de fundos”, a recusa romana de *imprimatur*s e a desonestidade de “economistas pouco sérios” em ocasiões para um “sacrifício diário pelo reino do Sagrado Coração”.

A interpretação sacramental do sofrimento tem também o seu fundamento na própria vida interior de Dehon. A 5 de março de 1923, na festa das Cinco Chagas, a Irmã Ignace, enquanto rezava, ouviu Nosso Senhor dizer-lhe: “Deves procurá-Lo sempre na chaga do meu Coração”. Dehon responde imediatamente com total identificação:

²⁰ NQT 44/1921, 9–11.

²¹ NQT 45/1925, 4–5.

“Sim, é realmente aí que quero viver. Uno-me ao Coração de Jesus para adorar e amar a Santíssima Trindade, para reparar, para rezar. É aí que faço a minha meditação, a minha adoração e todos esses “sursum corda” que gostaria de tornar ainda mais assíduos e fervorosos”²².

Este texto introduz o clima que caracteriza a vida espiritual dos últimos anos de Dehon. Esta “democratização da mística” constitui uma das contribuições pastoralmente mais generosas do NQT: a certeza de que o cume da vida espiritual não requer circunstâncias excepcionais nem dons extraordinários, mas é acessível a todos os membros da congregação, em todas as situações, em todos os momentos.

3.4. Frutuosidade apostólica: atitudes ativas e passivas

Inspirando-se amplamente na *Doctrine spirituelle* de Louis Lallemant, o autor implícito constrói uma compreensão da fecundidade apostólica que é simultaneamente exigente e consoladora. Dehon escreveu a este respeito: “... um tesouro. Encontro nela luzes que me satisfazem plenamente sobre a oração, a condução do Espírito Santo, a vida interior, a união com Nosso Senhor, o Reino de Deus em nós”.²³ O ensinamento de Lallemant de que a vida espiritual consiste simplesmente “em duas coisas: por um lado, nas operações de Deus na alma, nas luzes que iluminam o entendimento, nas inspirações que tocam a vontade; e, por outro, na cooperação da alma com as luzes e os movimentos da graça”²⁴ forneceu o quadro teórico para o enfoque de Dehon no que ele chama de “céu interior” – um estado de união interior habitual que subsiste por baixo e sustenta toda a atividade exterior. O princípio fundamental – “*não daremos fruto nas nossas atividades senão na proporção da nossa união com Deus*” – funciona tanto como norma como convite: eleva o nível de exigência do empenho apostólico, identificando simultaneamente o único caminho confiável para uma autêntica eficácia missionária. Este quadro lallemantiano resolve a tensão entre as dimensões ativa e contemplativa da vocação SCJ, não privilegiando uma em detrimento da outra, mas estabelecendo uma relação de constituição mútua: a atividade é o transbordamento da contemplação, e a contemplação é o que dá à atividade a sua fecundidade.

²² NQT 44/1923, 75.

²³ NQT 43/1919, 63.

²⁴ NQT 43/1919, 75–76.

A expressão mais plena desta integração encontra-se no relato que Dehon faz da sua vida de oração nos seus últimos anos. Para o desenvolvimento desta vida de união com Deus, ele adotara a prática da “*messe spirituelle*”:

“Que se pode fazer de melhor nos momentos de adoração? No céu, é a missa perpétua. O Cordeiro é sempre imolado ou apresentado com os estigmas da imolação para a glória de Deus, a alegria do céu, a salvação das almas”.

E descreve a essência da sua oração no Caderno 45:

“Saúdo a Santíssima Trindade, meu Pai e Criador; o Verbo de Deus que se tornou meu irmão e meu Redentor; o Espírito Santo que se tornou meu guia e meu consolador. Assisto à grande missa perpétua do céu: Jesus oferecendo-se ao seu Pai, o Cordeiro imolado desde o princípio; o Coração de Jesus, vítima de amor para a glória de Deus e a salvação dos homens. [...] Uno-me aos amigos de Jesus: aos amigos de Betânia, aos amigos do Calvário, aos devotos da Eucaristia.... Uno-me a todos os fundadores, aos santos do Sagrado Coração. A missa tem também as suas intenções: rezo pela Igreja e pelas suas grandes necessidades atuais, pela união e pelo regresso dos hereges e cismáticos, pelas missões. Rezo pela França e pelas nações cristãs, rezo pela Obra, pelos meus pais e amigos, por mim mesmo e pelos falecidos”²⁵.

Este texto notável revela o que o próprio Dehon chamava de “*fond de mon oraison*” – o núcleo interior irredutível em torno do qual toda a sua atividade externa se organizava. A dimensão trinitária é inseparável das dimensões eucarística e cósmica: a relação pessoal com o Pai, o Filho e o Espírito transborda na intercessão pela Igreja inteira, pelo mundo inteiro e por toda a comunidade dos vivos e dos mortos.

O Caderno 41 ocupa um lugar particularmente significativo no percurso do NQT 35–45. Escrito durante o exílio na Bélgica, este caderno apresenta uma extensa meditação teológica sobre a natureza da oração e da contemplação, que funciona simultaneamente como aconselhamento espiritual e formação da identidade institucional. O autor implícito assume o papel de árbitro teológico: ao avaliar os principais métodos de oração na tradição católica – o método de São Sulpício, o método inaciano e o método carmelita – e ao considerar cada um deles valioso, mas parcial, ele posiciona a sua própria síntese como a integração culminante destes métodos. Ele não é um inovador, mas um restaurador; não é um revolucionário, mas um curador que peneirou a tradição para extrair a sua essência perene. A estratégia transforma a autoridade do autor implícito de carismática em tradicional – precisamente o tipo de autoridade capaz de sobreviver à morte do fundador.

²⁵ Resumo do Caderno 45/1925, 11–14.

3.5. Transição da autoridade: do fundador carismático às Constituições legais

Os diários finais documentam uma mudança crucial e teologicamente significativa na natureza da autoridade dentro da congregação. A aprovação das Constituições por Pio XI, em 1923, representa o “clímax narrativo” da vida de Dehon e de NQT 35–45 como uma sequência: o momento em que a identidade da congregação passa definitivamente da autoridade carismática pessoal do fundador – centrada na presença de Dehon como o “fundador ideal” – para a autoridade jurídica de um texto aprovado, concebido para guiar os discípulos muito depois da morte do autor histórico.

Esta transição não é vivida pelo autor implícito como uma perda, mas como uma realização. As Constituições representam a textualização bem-sucedida do impulso carismático: a conversão de uma intuição espiritual pessoal numa forma institucional transmissível, capaz de sobreviver e sustentar-se independentemente do seu criador. Através das NQT, Dehon proporciona à sua comunidade o que equivale a um “testamento espiritual” e a uma “defesa jurídico-espiritual” do carisma SCJ – um documento que não só transmite a substância espiritual da sua visão fundadora, mas defende, com força retórica cumulativa, a autenticidade divina da sua origem.

De uma perspectiva histórica, o sucesso desta transição é atestado pelo desenvolvimento subsequente da congregação. O “florescimento das vocações” e a rápida expansão internacional – para Java, Camarões, África do Sul, Finlândia e além – durante os anos imediatamente seguintes à morte de Dehon, em agosto de 1925, indicam que a estratégia autoral do NQT alcançou o efeito pretendido. O leitor tinha adotado a máscara, interiorizado os valores e estava preparado para continuar a Obra. A sobrevivência e a internacionalização da congregação SCJ confirmam que a transição da liderança carismática para um depósito do carisma baseado no texto transferiu com sucesso a missão para uma nova geração – que o leitor simulado tinha se tornado, no sentido mais profundo, o “discípulo fiel” que Dehon procurava construir.

O período do pós-guerra proporcionou uma validação histórica específica para elementos-chave da narrativa de Dehon. A documentação da imprensa sobre o serviço do clero durante a guerra – o *Livre d'Or*, que registrava os capelães e irmãos que serviram ao lado dos seus compatriotas – constituiu uma corroboração externa do relato do autor implícito sobre a “França real” que reza e se sacrifica. As preocupações do leitor fictício sobre o estatuto de “pária” da Igreja sob a Terceira República foram respondidas, pelo menos em parte, pelo

reconhecimento público do heroísmo do clero – um reconhecimento que reforçou a “certeza na confiança” que o NQT tinha pregado. O foco de Dehon no “Reino Social” e na “Reparação” ressoou profundamente entre os leigos católicos franceses do século XX, atraindo muitos crentes a participar no carisma da congregação através de associações leigas, como a *Adveniat Regnum Tuum*, cujo próprio nome ecoa a esperança definidora do autor implícito. NQT 35–45 tinha alcançado o que se propusera a alcançar: tinha transformado a autoridade carismática de um fundador moribundo numa carta de discipulado portátil, transmissível e institucionalmente duradoura.

4. Ser o leitor de hoje...

4.1. Desafios modernos: confrontar o “secularismo suave”

O leitor de hoje do NQT 35–45 vive numa situação cultural que é simultaneamente análoga e crucialmente diferente daquela a que Dehon se dirigiu. O laicismo “duro” ou “assertivo” da Terceira República – que expulsou as ordens religiosas, laicizou as instituições públicas por força legislativa e construiu uma cultura pública militantemente anticlerical – deu lugar, na maioria dos contextos ocidentais, ao que os sociólogos da religião chamaram de “secularismo suave” ou “secularismo processual”: uma configuração cultural que tolera a religião como fonte de formação moral privada e de significado pessoal, ao mesmo tempo que marginaliza sistematicamente as vozes religiosas do discurso público e da deliberação política. Ao contrário do laicismo duro da época de Dehon, que produziu confrontos dramáticos que poderiam ser narrados como formas da “vocação de Jó” e da “crucificação institucional”, este secularismo mais suave opera através da exclusão gradual em vez da expulsão dramática – tornando o crente religioso presente, mas culturalmente irrelevante – convidado a praticar a sua fé em privado, ao mesmo tempo que aceita que esta não tem qualquer reivindicação legítima sobre a vida pública partilhada.

Esta forma mais suave de secularismo é, em alguns aspetos, mais difícil de abordar precisamente porque não produz o drama martirológico que dá à NQT a sua energia retórica. No entanto, coloca o mesmo desafio fundamental: a afirmação de que a verdade religiosa é uma questão meramente privada, sem influência legítima na vida partilhada da sociedade. Ler Dehon neste contexto requer um esforço de imaginação histórica – reconhecendo a continuidade estrutural entre a experiência de marginalização que ele descreve e a experiência de exclusão

processual que caracteriza a situação contemporânea – ao mesmo tempo que se reconhecem as diferenças que tornam inadequada uma analogia histórica direta.

4.2. Relevância dos conceitos de vida espiritual: união, vítima e reparação hoje

A análise histórica assinala uma significativa “ruptura na recepção” dos conceitos dehonianos por volta de 1973, após a qual o vocabulário espiritual do NQT começou a exigir uma tradução sistemática para as novas gerações de leitores. Os leitores modernos consideram conceitos como “vítima” ou “oblação” culturalmente incompreensíveis no seu registro original e, frequentemente, traduzem-nos novamente em termos como “reconciliação”, “testemunho”, “disponibilidade” ou “solidariedade com os marginalizados”. Estas reinterpretações não representam uma traição à essência espiritual de NQT, mas um ato necessário de fidelidade hermenêutica: um reconhecimento de que a essência deve encontrar novas formas culturais para se manter viva em comunidades cuja formação é irreversivelmente moldada por horizontes pós-conciliares e pós-modernos.

O conceito de união mística, em contrapartida, pode falar mais diretamente ao leitor contemporâneo do que falava a grande parte do público original de Dehon – particularmente num contexto em que a vida interior é cada vez mais colonizada pela distração digital e pela urgência institucional, e onde a ânsia por profundidade contemplativa é amplamente reconhecida mesmo fora das comunidades explicitamente religiosas. A insistência de Dehon de que a união com Deus é compatível com o fardo administrativo, o sofrimento físico e a adversidade institucional fala diretamente às comunidades religiosas que enfrentam a experiência do declínio demográfico e da diminuição institucional.

A reparação, entendida não como satisfação expiatória da justiça divina, mas como compromisso ativo com a reparação de relações quebradas – entre pessoas, entre comunidades, entre a humanidade e a criação –, recupera a visão estrutural da teologia de Dehon, situando-a num quadro de justiça e solidariedade mais facilmente acessível à imaginação moral contemporânea. A sua visão do “Reino Social” mantém-se igualmente relevante como um apelo à “justiça social” e a uma “teologia das pontes” entre a fé e a sociedade – entre a vida interior e a transformação das estruturas. O carisma SCJ, lido nesta chave, oferece recursos para enfrentar a crise ecológica, o desafio da migração global e as consequências culturais da disrupção tecnológica que Dehon não poderia ter previsto, mas que as suas intuições fundamentais sobre o Coração de Cristo abordam a nível de princípio.

4.3. Abertura: ler os “sinais dos tempos”

Talvez a característica mais duradoura e transferível da postura do autor implícito em NQT 35–45 não seja nenhuma conclusão teológica específica, mas sim a disposição metodológica a partir da qual essas conclusões são extraídas: um espírito de “zelo ilimitado” e de abertura a tudo o que é humano, combinado com a capacidade de ler os sinais dos tempos através da gramática do Evangelho. Dehon exorta os seus leitores – tanto pelo exemplo como pela exortação – a “rejeitar os apegos ao passado” e a entrar na “nova realidade” com alegria. Para o autor implícito, a fidelidade criativa ao carisma não requer a repetição de fórmulas do passado, mas a aplicação de princípios duradouros a situações genuinamente novas, com a disposição para se deixar surpreender pelo rumo que essa aplicação toma.

Para o leitor de hoje, isto implica repensar a missão à luz de desafios que a geração de Dehon não poderia ter previsto: as implicações da inteligência artificial para a dignidade humana e o trabalho; a crise ecológica como uma forma de injustiça estrutural que requer reparação; o deslocamento de milhões de pessoas através das fronteiras nacionais como uma forma contemporânea da “vocação do exílio” que Dehon experimentou na sua própria pessoa. Estes desafios não são externos ao carisma dehoniano, mas estão em continuidade com as preocupações que impulsionaram NQT 35–45: o desejo de ler a história como um roteiro salvífico, de sustentar a vida interior em condições de incerteza radical e de permanecer, nas próprias palavras de Dehon, “enraizado na presença ativa do amor de Cristo”.

Ler NQT hoje requer, em última análise, o que se poderia chamar de uma hermenêutica da caridade crítica: a disposição de lidar com as limitações do texto sem reduzi-lo a essas limitações, e a capacidade de distinguir entre o recipiente cultural e o vinho espiritual que ele transporta. O autor implícito do NQT 35–45 modela, acima de tudo, uma forma de habitar a história teologicamente – uma forma que transforma o “caos das sensações do dia-a-dia” num mundo significativo em que o discipulado é simultaneamente possível e urgente. Ao encerrar o Caderno 45 nos últimos meses antes da sua morte, o autor implícito e o leitor simulado unem-se numa comunhão escatológica silenciosa, olhando para um “Reino do Amor” que as crises históricas de 1913–1925 não conseguiram destruir e que nenhuma crise subsequente poderá finalmente derrotar. NQT não são meramente um registro de uma vida: são um convite permanente a ler a própria vida – e o próprio momento histórico – à luz do Coração de onde todas as coisas vêm e para onde todas as coisas regressam.

A sustentabilidade deste convite ao longo de um século de mudanças históricas radicais é, em si mesma, o testemunho mais eloquente da realização do autor implícito. O que Dehon construiu em NQT 35–45 não foi uma teologia ligada a uma configuração social particular – a do catolicismo francês pré-conciliar na Terceira República –, mas uma gramática da experiência cristã capaz de gerar novas afirmações em resposta a situações que ele não poderia ter previsto. O discípulo fiel que o autor implícito procurou construir nunca teve a intenção de ser uma réplica do leitor simulado original, mas um discípulo que tivesse interiorizado a mesma disposição: a vontade de ler o próprio momento histórico com a mesma combinação de realismo inabalável e esperança inabalável que caracteriza as melhores páginas de NQT. Neste sentido, o trabalho do texto nunca está concluído, e o seu autor implícito nunca se afasta totalmente. Ele permanece disponível para todos os leitores dispostos a colocar a máscara – e a descobrir, ao fazê-lo, não uma restrição, mas uma libertação.

4.4. A identidade SCJ hoje: entre a fidelidade e a renovação criativa

Talvez a tensão mais fecunda transmitida por NQT aos leitores SCJ contemporâneos seja a tensão entre a fidelidade ao carisma do fundador e a resposta criativa a novas situações históricas. O próprio Dehon modelou explicitamente esta fidelidade criativa: o seu gesto repetido de releitura – “*Je relis Sauvé*”, “*Je relis Lallemant*” [“Estou relendo Sauvé”, “Estou relendo Lallemant”] – não era uma repetição conservadora, mas uma recuperação dinâmica. Ele não era um conservador de museu da tradição, mas um chef espiritual que combinava ingredientes tradicionais em resposta às fomes específicas do seu tempo. A disposição implícita do autor para se envolver com crises geopolíticas, controvérsias teológicas e adversidades institucionais – trazendo para cada uma delas todos os recursos da vida interior – modela uma postura de disponibilidade empenhada que transcende o seu contexto histórico.

A comunidade SCJ de hoje herda esta fidelidade criativa como uma característica constitutiva do seu carisma. A tarefa não é reproduzir a análise social de Dehon do século XIX ou a sua leitura providencialista dos acontecimentos mundiais, mas habitar a mesma profundidade de envolvimento: ser, como Dehon era, simultaneamente homens de profunda ora  o interior e leitores atentos dos sinais dos tempos. NQT 35–45 modelam esta integra  o não como um problema resolvido, mas como uma voca  o permanente – a voca  o do “escriba oficial” que registra, com igual fidelidade, tanto os movimentos de Deus na alma como os

movimentos de Deus na história, e que confia que estes dois registros, tomados em conjunto, constituem o relato mais completo disponível da realidade.

5. Conclusão: rumo a uma hermenêutica de NQT

A leitura de NQT hoje requer um método hermenêutico adequado à complexidade do texto e à distância – cultural, teológica e histórica – que separa o leitor contemporâneo do leitor simulado a quem Dehon se dirigia originalmente. Tal método deve reunir pelo menos três perspectivas interpretativas: a *histórica*, que atenta ao contexto cultural e eclesial específico em que Dehon escreveu; a *narratológica*, que analisa como o autor implícito constrói significado através de escolhas literárias; e a *teológica*, que avalia o conteúdo espiritual e doutrinário do texto em diálogo com a compreensão em desenvolvimento da Igreja.

Este é, no sentido mais profundo, o tipo de leitura que o próprio autor implícito modelou: não uma reverência passiva, mas um envolvimento ativo e perspicaz – disposto a ser desafiado, alimentado e, quando necessário, corrigido pela tradição que ele transmitia.

Em última análise, as *Notes Quotidiennes* 35–45 de Dehon constituem um esforço monumental para colmatar o fosso entre as tragédias temporais do início do século XX e as promessas eternas do Coração de Cristo. Para qualquer leitor disposto a vestir a máscara do leitor simulado – a entrar, ainda que provisoriamente, no mundo que o autor implícito constrói –, estes cadernos fornecem um roteiro para o discipulado numa era de crise secular: um roteiro cujo método é nada menos do que a total disponibilidade para com Deus, e cujo destino é a união do coração humano com o Coração de onde provém.

Referências

Fontes manuscritas primárias

1. Dehon, Léon, *Notes Quotidiennes (NQT)*, Cahiers XXXIV–XLV (2 de março de 1911 – julho de 1925). Editado por Andrea Tessarolo scj. Roma: DehonDocs.

Fontes históricas e biográficas

2. Tessarolo, Andrea scj, “Introdução aos Cadernos XXXIV a XLV (2 de março de 1911 – julho de 1925: 15 anos)”. Em *Notes Quotidiennes*, vol. XXXIV–XLV. Roma: DehonDocs, pp. 1–17.

3. Arnáiz Ecker, Juan José scj (ed.), *Dehon e os Dehonianos na Primeira Guerra Mundial*. Studia Dehoniana 64. Centro de Estudos Dehonianos. Roma 2018.
4. Arnáiz Ecker, Juan José scj, *Extractos do diário do Padre Dehon*. Editorial El Reino. Torrejón de Ardoz (Madrid) 2025.

Teoria narratológica e literária

5. Booth, W.C., *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: University of Chicago Press. Sobre o autor implícito e as teorias do leitor: <https://lair.etamu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=honorstheses>.
6. Tompkins, J.P. (ed.), *Crítica da Resposta do Leitor: Do Formalismo ao Pós-Estruturalismo*. Baltimore: Johns Hopkins UP. Texto completo: <https://dokumen.pub/reader-response-criticismfrom-formalism-to-post-structuralism>.
7. Gibson, W., “Autores, Oradores, Leitores e Leitores Fictícios”. Em Tompkins (ed.), *Crítica da Resposta do Leitor*. The Johns Hopkins University Press 1981.